

Território e experiência imigratória: os refugiados em São Paulo no pós-Segunda Guerra Mundial

Maria do Rosário Rolfsen Salles

Resumo

O artigo resultou de pesquisa realizada junto ao Memorial do Imigrante, SP, cujo objetivo foi a construção de um banco de dados sobre a entrada de imigrantes refugiados em São Paulo, no pós-Segunda Guerra Mundial, entre 1947 e 1951. Trabalhou-se com uma amostra de pouco mais de 10%, de um total de mais de 5.000 fichas. Considerou-se a inserção dos imigrantes nas ocupações industriais e nas empresas empregadoras do período, a localização no território dessas empresas e residências, com o objetivo de entender as formas de agrupamento de cada uma das nacionalidades que compõem o grupo de imigrantes provenientes da Europa do Leste e que se encontravam em campos de refugiados. Os resultados revelam uma faceta da história urbana da imigração em São Paulo.

Palavras-chave: São Paulo; bairros; indústria; imigrantes; refugiados.

Abstract

This article is the result of a research study carried out at the Immigrant's Memorial of São Paulo. It aimed at the construction of a database about the entrance of refugees in São Paulo after the Second World War, between 1947 and 1951. We worked with a sample of 10% of a total of more than 5,000 forms. We considered the immigrants' insertion in industrial occupations and in employing companies, as well as the location in the territory of those companies and residences, with the objective of understanding the forms of agglutination of each nationality that composed those groups of immigrants, which originated from Eastern Europe and were in refugee camps. The results can help to understand the urban history and the development of working class districts in São Paulo.

Keywords: São Paulo; districts; industry; immigrants; refugees.

Introdução

O objetivo do presente trabalho é apresentar alguns resultados decorrentes de pesquisa realizada com documentação presente no Memorial do Imigrante, SP, que se ateuve aos anos de 1947 a 1951, especialmente os anos de 1947, 48 e 49, que constituem aqueles em que se deram as maiores entradas de imigrantes conhecidos como refugiados ou deslocados de guerra no Brasil. No presente trabalho, optou-se por focalizar uma amostra de 10% do total de entradas em São Paulo, que totaliza pouco mais que 5.000 imigrantes, considerando-se que as fichas de entrada eram preenchidas em nome do imigrante, mas incluem dados sobre toda a família. Uma descrição do perfil desse grupo foi feita em trabalho anterior, publicado na revista *Studi Emigrazione* (Salles, 2004). No presente trabalho, procurou-se identificar a localização das diferentes nacionalidades que compõem o grupo, na cidade de São Paulo e as razões que determinaram as escolhas dos bairros.

A cidade de São Paulo e o seu desenvolvimento até a década de 1940

A cidade que os imigrantes encontrariam no final da década de 1940 era, evidentemente, bastante diferente da metrópole de hoje. Como se sabe, São Paulo se desenvolveu muito rapidamente a partir do seu núcleo inicial, desde finais do século XIX. Embora, em 1890, já apareçam arruados os bairros da Bela Vista, Vila Buarque, Santa Cecília e

a área entre a Luz e o Brás e parte do Bom Retiro, o que caracteriza a evolução urbana da cidade até 1900 é que ela se dá de maneira pouco compacta e já apresenta um “surto industrial” significativo. A cidade que, em 1890, conta com 64.939 habitantes, passa para 239.820 em 1900, quase quadruplicando (Langenbuch, 1976). É uma fase em que esse aumento se deve, em grande parte, à imigração subsidiada, especialmente à imigração italiana.

Esse período caracteriza-se por arruamentos isolados, completamente separados da cidade propriamente dita. Caracteriza-se também pela absorção quase total do cinturão das chácaras. A parte arruada vai da Várzea do Tietê, Barra Funda, Belenzinho, até a Quarta Parada, Mooca, Vila Deodoro, Aclimação, Paraíso, Santa Cecília, Vila América e Higienópolis. Além desses bairros, Vila Mariana, Vila Clementino e Perdizes aparecem, então, como apêndices desse bloco mais compacto. Pinheiros, antigo aldeamento indígena, e a antiga Freguesia do Ó aparecem como loteamentos com arruamentos bastante amplos, o que denota a expansão da cidade e a tendência do desdobramento do espaço urbano. O transporte urbano já estava relativamente desenvolvido desde finais do século, primeiro com os bondes “a tração animal” (cuja primeira linha se inaugura em 1872, ligando o Centro à Estação da Luz), depois com o bonde elétrico (depois de 1900), interligava o espaço urbano com o auxílio da malha ferroviária do estado, a qual, em parte, penetrava na cidade interligando a atividade cafeeira e o desenvolvimento urbano da cidade. O bonde elétrico facilita a expansão difusa do espaço urbano, estendendo suas linhas aos bairros mais afastados e a regiões ainda não urbanizadas (ibid.).

Os bairros são relativamente isolados, mesmo no período posterior a 1900, o que se acentua com a implantação dos núcleos coloniais nos arredores da cidade. Os núcleos coloniais se caracterizam pela entrada de imigrantes estrangeiros, na época, italianos. Eles auxiliam na reorganização espacial, que se traduzia numa maior valorização do chamado cinturão caipira. As ferrovias, que já existiam desde o período anterior, demonstrando atrair as indústrias, continuam a desempenhar importante papel como polarizadoras da industrialização e de formação de bairros e conferem às faixas servidas por elas uma “vocação suburbana” que se manteria posteriormente. Exemplos bastante significativos são a Ferrovia Santos-Jundiaí, notadamente o trecho da Mooca-Barra Funda e a Sorocabana, entre a Estac o Central e a Barra Funda, onde as indústrias adensam. Depois de 1900, d -se o crescimento das áreas afastadas das ferrovias, como   o caso de Itapeverica e Embu. Cotia e Guarulhos já eram municípios atingidos pela ferrovia durante o período.¹

Segundo Langenbuch, de 1915 a 1940, verifica-se a expansão propriamente urbana de São Paulo, o início da metr poliza o. Segundo o mesmo autor, se no período de 1900 a 1920 houve um crescimento de 141% na popula o, entre 1920 e 1940, há um crescimento de 124% que, embora seja relativamente menor,   maior em termos absolutos. Em 1920, a cidade contava com 579.033 habitantes e, em 1940, com 1.294.223. Embora continue a tendência anterior de um certo isolamento dos bairros, já há um esboço de arruamento entre vários deles, como Pinheiros e Consola o; entre Perdizes e a Lapa, nasce a Vila Pompéia e a Vila Romana; o espaço

entre a Lapa e a Vila Leopoldina   ocupado por novos loteamentos e algumas áreas vizinhas ao bloco central são também arruadas: Pacaembu, Jardim América, Jardim Europa, J. Paulista, Alto da Mooca. Todos, segundo Langenbuch, são mais ou menos desprovidos de edifica es, permanecendo uma tendência do período anterior, que   a especula o imobiliária. Entretanto, esboçam-se novas tendências, entre as quais a ocupa o de trechos de várzea com loteamentos residenciais. A isso se chama “surgimento do cinturão de loteamentos residenciais suburbanos”. Surgem os “Bairros Jardins”, destinados às classes abastadas, há uma valoriza o do Setor Oeste da cidade, o ônibus surge como novo veículo de transporte coletivo, com 35 linhas municipais em 1935; persiste, em 1940, a pequena densidade de ocupa o urbana da porão mais externa da cidade, o que denota a especula o imobiliária desenfreada em que os terrenos se v em artificialmente valorizados. Há, segundo o autor citado, um grande impulso gerador de subúrbios residenciais que se originou da amplia o do parque industrial na faixa de várzeas e terrenos fluviais, onde se verificar  a maior concentra o de imigrantes a partir de meados dos anos 40, conforme dados da pesquisa com os imigrantes entrados no pós-segunda guerra.

O Mapa Sara Brasil, de 1930, mostra o colar quase contínuo de indústrias que se estabelecem entre a Lapa e o Ipiranga. Como dissemos no início, essa implanta o convidava os operários a se estabelecerem em torno das esta es ferroviárias fora da cidade, onde os terrenos e os aluguéis eram mais baixos. Essa fun o residencial dos subúrbios, com bem mostra Langenbuch, também se caracterizou pela implanta o de

populações estrangeiras em terrenos campestres da zona suburbana, como é o caso dos anglo-saxônicos e alemães que se instalaram no Brooklyn e no Tremembé, atraindo posteriormente outros imigrantes nórdicos.

No conjunto, a maioria dos bairros foi comandada pela ferrovia e pela implantação industrial e operária que orientou a expansão suburbana. Nesse processo aparecem: São Bernardo, Santo André, São Caetano, como “zona industrial paulistana”, que, na década de 1940, são bairros bastante significativos na concentração dos imigrantes do período estudado, sem considerar as emancipações posteriores de alguns dos bairros e sua transformação em municípios, como Santo André, São Caetano e São Bernardo.

De acordo com Langenbuch, há uma outra tendência do período, que é o desenvolvimento do meio rural circundante, e que de certa forma também tem a ver com os imigrantes, desenvolvendo-se com equipamento hidráulico e hidroelétrico da cidade; desenvolvimento de uma recreação campestre e de uma agricultura comercial visando a cidade, com a produção de frutas e hortaliças num cinturão verde desenvolvido em grande parte pelos japoneses. Os japoneses formam o terceiro grupo estrangeiro a se fixar em São Paulo visando o meio rural, como haviam feito os italianos e os alemães. Com a implantação de Cotia, em 1913, eles desenvolveram a agricultura de tipo suburbano que abastecia a cidade, fenômeno que acompanhou a crescente industrialização e urbanização da metrópole paulista e o desenvolvimento de suas cidades-satélite e o conseqüente aumento da demanda de abastecimento que a expansão exigia.

A década de 1940, dessa maneira, é um marco no processo da grande metro-

polização recente que se desenvolveria a partir daí. A cidade de São Paulo que os imigrantes desembarcados na Hospedaria de Campo Limpo encontraram era já, ao mesmo tempo, bastante complexa, mas também cheia de oportunidades. Ela era uma cidade tradicionalmente receptora de imigrantes e esses, de maneiras diferentes, encontravam identidades e se mesclavam à vida da cidade na sua tendência há muito esboçada à industrialização.

A inserção dos imigrantes e a constituição dos bairros na década de 1940

Os imigrantes entrados na década de 1940 participaram da formação dos bairros, não no sentido da formação de quistos, mas evidenciavam uma certa aglutinação, como se observará nos dados apresentados nas Tabelas a seguir.

Inicialmente, a Tabela 1 apresenta dados sobre os imigrantes entrados nos anos de 1947, 48 e 49, segundo as principais nacionalidades.

A participação dos imigrantes das diversas nacionalidades, que são o nosso objeto de estudo nesse contexto de evolução urbana, não é muito “visível”, nem numericamente muito expressiva, como se verifica pela Tabela 1. A maior parte das entradas se deu através da International Refuges Organization (IRO), entre os anos de 1947, 48 e 49. Entretanto, são de fundamental importância num “nicho” bastante significativo de ocupações e na própria constituição urbana da cidade de São Paulo, dadas as

Tabela 1 – Deslocados de guerra (DPs) matriculados na Hospedaria de Campo Limpo durante o triênio 1947, 1948 e 1949, segundo a nacionalidade.

Nacionalidades	1947		1948		1949		Total	
	n ^{os}	%						
Poloneses	923	35,78	1.024	26,82	1.282	26,21	3.229	28,60
Ucranianos	439	17,02	517	13,54	430	8,79	1.386	12,27
Húngaros	11	0,42	267	6,99	595	12,16	873	7,73
Baltas	363	14,07	234	6,13	420	8,58	1.017	9,01
Russos	141	5,46	391	10,24	323	6,60	855	7,57
Iugoslavos	58	2,24	402	10,53	338	6,91	798	7,07
Tchecos	13	0,50	84	2,20	176	3,59	273	2,41
Outras	187	7,25	636	16,66	944	19,3	1.767	15,65
Apátridas	444	17,21	236	6,18	187	3,82	867	7,68
Sem informação	–	–	26	0,68	196	4,00	222	1,96
Total	2.579	100,0	3.817	100,0	4.891	100,0	11.287	100,0

Fonte: *Boletim do Departamento de Imigração e Colonização*, n. 5, dezembro de 1950.

características gerais da sua evolução, como “mão-de-obra qualificada” e, especialmente, a formação dos bairros industriais.

Embora seja um fato mais ou menos aceite, que não há formação de quistos ou bairros étnicos em São Paulo, como é o caso de Nova York, por exemplo, podemos dizer que há evidentes concentrações étnicas. Talvez a não visibilidade desse grupo de nacionalidades na cidade de São Paulo e no interior se deva exatamente ao fato de que se tratam de grupos menos expressivos numericamente. A localização desses imigrantes na cidade de São Paulo evidencia aglomerações que nos ajudam a entender as aproximações a determinados grupos, como os de mesma nacionalidade ou religiosos. A localização também é determinada pela oferta de oportunidade de trabalho.

A concentração/dispersão dos imigrantes pelos bairros na cidade de São Paulo

aponta caminhos percorridos nas primeiras fases, em que a busca de empregos era determinante. Há diferenças entre a concentração das empresas e das residências, que talvez se deva ao processo descrito anteriormente, em que à tendência de concentração industrial se soma a busca dos locais em que os aluguéis ou os terrenos eram mais baratos.

De uma maneira geral, também as profissões declaradas no passaporte no momento da chegada a São Paulo determinaram as oportunidades de trabalho na chegada dos imigrantes, mas indicam algumas diferenças entre as efetivamente desempenhadas no primeiro emprego.

Ou seja, se havia 71% dos imigrantes classificados como operários qualificados, 21%, como técnicos e profissionais de nível médio e superior e 9% como serviços e ocupações não qualificadas, os empregos

Tabela 2 – Ocupações desempenhadas pelos imigrantes no 1º emprego, segundo as nacionalidades

Nacionalidades	Operários qualificados		Téc. e profis. – nível médio e superior		Serviços e ocupações não qualificadas		Total	
	nºs	%	nºs	%	nºs	%	nºs	%
Poloneses	111	33,3	9	18,4	8	22,2	128	30,62
Ucranianos	49	14,7	1	2,0	2	5,6	52	12,44
Húngaros	25	7,5	10	20,4	3	8,3	38	9,09
Baltas	26	7,8	9	18,4	4	11,1	39	9,33
Russos	31	9,3	5	10,2	3	8,3	39	9,33
Iugoslavos	29	8,7	2	4,1	3	8,3	34	8,13
Tchecos	14	4,2	3	6,1	5	13,9	22	5,26
Outras	11	3,3	4	8,2	2	5,6	17	4,07
Apátridas	24	7,2	5	10,2	2	5,6	31	7,42
Sem informação	13	3,9	1	2,0	4	11,1	18	4,31
Total	333	100	49	100	36	100	418	100

Fonte: Listas de Desembarque – Hospedaria de Campo Limpo – Memorial do Imigrante, São Paulo.

Tabela 3 – Profissão declarada e ocupação desempenhada no 1º emprego

	Operários qualificados	Téc. Prof. Nível médio e superior	Serviços e ocupações não qualificadas	Total
Passaporte	71,0%	20,6%	9,1%	100%
1º emprego	79,6%	11,7%	8,6%	100%

Fonte: Listas de desembarque, Memorial do Imigrante, SP.

efetivamente conseguidos nos primeiros contratos em São Paulo indicam um aumento daqueles classificados como operários qualificados para quase 80%, ao passo que os classificados como técnicos de nível médio e superior caem para 11,5%, enquanto que os serviços se mantêm, praticamente. Esse dado é significativo, na medida em que indica um primeiro ajuste das qualificações ao mercado de trabalho e salários ao chegar, de acordo com as condições paulistas.

Uma análise das ocupações que compõem cada uma dessas categorias profissionais ajuda também a compreender o leque de opções que eram oferecidas aos imigrantes. Um quadro demonstrativo das principais profissões, oferecido pelo Departamento de Imigração e Colonização à época, evidenciam semelhanças entre as profissões encontradas na pesquisa (profissões desempenhadas pelos “Displaced persons” – Dps, RIC n. 1950). Os operários qualificados referiam-se a ocupações especializadas na indústria metal-mecânica como automecânicos, eletricitistas, ferramenteiros, ajustadores, montadores, serralheiros, torneiros-mecânicos, etc., assim como soldadores, vidreiros, ferreiros, encanadores, carpinteiros, marceneiros, etc., que refletiam bem o estágio de desenvolvimento da indústria paulista na época, ou seja, uma indústria a caminho da industrialização pesada que caracterizaria o desenvolvimentismo da época JK com a implantação da indústria automobilística na década seguinte.

Na medida do possível, acompanhou-se os depoimentos orais colhidos pela Profa. Sonia M. de Freitas e disponíveis junto ao Arquivo da Biblioteca do Memorial do Imigrante, bem como realizaram-se entrevistas com alguns membros significativos das nacionalidades imigrantes presentes no pe-

ríodo examinado. Assim, foi possível acompanhar, através das mudanças de emprego, as trajetórias ascendentes desses primeiros técnicos qualificados que compunham o grupo. Além disso, as ocupações de nível médio e superior já envolviam, desde o início, cargos como engenheiros, assistentes de várias ordens, calculistas, administradores, químicos, especialistas em hidráulica, em laticínios, embutidos, papéis, gráfica, rádio, elevadores, professores, etc.

Uma análise da distribuição das ocupações entre nacionais e estrangeiros poderia mostrar em que medida os estrangeiros realmente ocupavam os postos mais qualificados. No entanto, isso demandaria outro tipo de fontes. De qualquer maneira, é bom lembrar que estávamos sob a legislação dos chamados 2/3 (dezembro de 1930), que visava proteger o trabalhador nacional, o que provocou muitas nacionalizações, conforme pudemos verificar nos depoimentos e nas anotações das fichas preenchidas no momento da chegada. A julgar, entretanto, pelas justificativas dos defensores da imigração contidas nos artigos da revista *Imigração e Colonização* analisados em trabalho de 2007 (Salles, 2007), os estrangeiros eram muito bem-vindos quando se tratava de desempenhar tarefas que exigiam qualificação.

Dessa maneira, as empresas empregadoras nesse momento, muitas das quais já colocavam as suas necessidades junto às autoridades e à Hospedaria, de modo que boa parte já chegava com um contrato de trabalho, eram empresas de médio e grande porte, como frigoríficos, construtoras, firmas de engenharia, mecânica, de autopeças, de produtos alimentícios, de tecidos e estamparia, de motores, como a montadora da General Motors, indústria de couros,

Tabela 4 – Distribuição dos imigrantes pelas zonas da cidade de São Paulo, segundo as nacionalidades – Empresas

Nacionalidades	Centro		Norte		Sul		Leste		Oeste		Outras regiões		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Poloneses	22	20,0	1	5,3	18	36,0	8	25,8	19	39,6	19	40,4	87	28,5
Ucranianos	5	4,5	2	10,5	4	8,0	7	22,6	6	12,5	12	25,5	36	11,8
Húngaros	10	9,1	4	21,1	2	4,0	4	12,9	6	12,5	3	6,4	29	9,51
Baltas	17	15,5	3	15,8	5	10,0	3	9,7	4	8,3	3	6,4	35	11,4
Russos	12	10,9	2	10,5	5	6,0	0	0	2	4,2	2	4,3	23	7,54
Iugoslavos	10	9,1	3	15,8	3	4,0	5	16,1	3	6,3	2	4,3	26	8,52
Tchecos	11	10,0	1	5,3	2	8,0	2	6,5	3	6,3	2	4,3	21	6,89
Outras	5	4,5	1	5,3	4	8,0	2	6,5	1	2,1	0	0	13	4,26
Apátridas	13	13,0	1	5,3	4	6,0	0	0	3	6,3	2	4,3	23	7,54
Sem informação	5	4,5	1	5,3	3	9,8	0	0	1	2,1	2	4,3	12	3,93
Total	110	100	19	100	50	100	31	100	48	100	47	100	305	100

Fonte: Listas de Desembarque – Hospedaria de Campo Limpo – Memorial do Imigrante.

mineração, etc. Entre as empresas, estão relacionados nomes, muitos dos quais estrangeiros, como a Swift, a Armour, a General Motors, a Firestone, ou pertencentes a imigrantes como as Indústrias Reunidas F. Matarazzo, a Fichet Schwartz e Hautmont, a Fiação de tecidos e estampania Ipiranga Jafet, etc.

A Tabela 4 fornece uma idéia da distribuição dos imigrantes pelas empresas, segundo diferentes regiões da cidade de São Paulo.

Como se verificou pela análise efetuada por Langenbuch sobre a estruturação dos bairros naquele momento, há uma nítida concentração em bairros industriais que compõem o Centro, a Zona Sul, Leste e Oeste, que são zonas de expansão industrial na década de 1940, sobretudo as regiões Oeste em expansão, a Água Branca, a Lapa, Vila Romana, Vila Anastácio, Osasco; Sul/ Leste,

sobretudo Mooca, Belenzinho, Ipiranga, Tatuapé, Vila Bela, Vila Zelina, Vila Prudente, São Caetano, Santo André, São Bernardo, etc. De uma maneira geral, os poloneses se encontram em maior número, na Zona Oeste (39,6%), Sul (36%) e Centro (20%). Os ucranianos, mais concentrados em São Caetano, encontram-se em 22,6% na Zona Leste, depois Oeste (12,5%), Norte (10,5%), Sul (8%), Centro (4,5%). Para os húngaros, há uma maior concentração em empresas da Zona Norte (21,1%), Leste (12,9%), Oeste (12,5) e menor no Centro (9,1%). Os baltas e os russos se concentram mais em empresas localizadas no Centro e Zona Norte.

Com relação aos locais de residência, há diferenças interessantes no que se refere à concentração e que nos auxiliam na compreensão dos caminhos seguidos pelos grupos em São Paulo. As escolhas, como dissemos, do local de moradia, dependiam,

Tabela 5 – Distribuição dos “deslocados de guerra” pelas zonas urbanas do município de São Paulo, segundo as nacionalidades – Residência

Nacionalidades	Centro		Norte		Sul		Leste		Oeste		Outras regiões		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Poloneses	8	14,8	4	19,0	38	35,5	22	28,9	36	38,7	16	38,1	124	31,5
Ucranianos	0	0	1	4,8	11	10,3	12	15,8	12	12,9	7	16,7	43	10,9
Húngaros	8	14,8	2	9,5	7	6,5	5	6,6	13	14,0	5	11,9	40	10,1
Baltas	10	18,5	2	9,5	8	7,5	6	7,9	5	5,4	6	14,3	37	9,41
Russos	0	0	3	14,3	8	7,5	13	17,1	5	5,4	2	4,8	31	7,89
Iugoslavos	4	7,4	2	9,5	14	13,1	4	5,3	8	8,6	1	2,4	33	8,4
Tchecos	12	22,2	1	4,8	3	2,8	1	1,3	5	5,4	0	0	22	5,6
Outras	3	5,6	3	14,3	5	4,7	1	1,3	2	2,2	1	2,4	15	3,82
Apátridas	3	5,6	2	9,5	9	8,4	8	10,5	4	4,3	3	7,1	29	7,38
Sem informação	6	11,1	1	4,8	4	3,7	4	5,3	3	3,2	1	2,4	19	4,83
Total	54	100	21	100	107	100	76	100	93	100	42	100	393	100

Fonte: Listas de Desembarque – Hospedaria de Campo Limpo – Memorial do Imigrante.

é claro, em grande medida, das oportunidades de emprego e de salário e se deveram também, em grande parte, às oportunidades oferecidas pelo mercado imobiliário em São Paulo, à formação dos bairros residenciais, etc. No entanto, dada a residência anterior das mesmas nacionalidades em São Paulo, as opções são bastante reveladoras das relações que então se estabeleceram em São Paulo.

Os mecanismos de adaptação a São Paulo, tanto para os imigrantes que haviam chegado pela IRO, quanto para aqueles que vieram através de cartas de chamada de parentes ou amigos, eram bastante semelhantes. Em ambos os casos, além do emprego, a primeira providência a tomar era a moradia. Nos primeiros tempos, ficavam em casa de parentes ou amigos, até o primeiro salário permitir o aluguel de uma casa. Em alguns casos, a empresa que con-

tratava fornecia a moradia ou moravam no emprego, em casos de serviços domésticos. Quando se tratava, porém, de aluguel, a escolha se dava pelos bairros mais próximos ao trabalho e aos parentes e conterrâneos. No entanto, essa aproximação também era bastante reveladora do processo de adaptação dos imigrantes; havia aglutinação por nacionalidade, mas a filiação religiosa ou política também determinava a aglutinação.

Entre os poloneses, por exemplo, os católicos e os judeus formavam grupos distintos. O Sr. Zdzislaw (entrevistado por Freitas, 1994-), por exemplo, polonês, católico, mecânico de profissão e cuja primeira ocupação foi numa indústria automobilística, chegou bastante jovem, com a família, e escolheu a Vila Zelina, por razões de parentesco e de vizinhança com outros conterrâneos já residentes no bairro. Era proveniente de uma família de agricultores, cujo

pai era proprietário de um moinho na região de Chelm, lugarejo a Leste da Polônia, a 40 km da fronteira russa, rica em grãos, trigo, centeio, batata e beterraba para produção de açúcar. Sua história é semelhante, em muitos pontos, à dos judeus poloneses, no entanto, há diferenças bastante marcantes, já na própria Europa. A família perde a propriedade quando a Polônia é invadida por russos e alemães durante a guerra. Nessa ocasião já existia a United Nations Refuges Rehabilitation Association (UNRRA) e a família pôde se refugiar no campo de refugiados na Alemanha, ainda em 1943. Ali o entrevistado teve oportunidade de estudar mecânica e tornou-se técnico em mecânica. No final da guerra, a família trabalhava numa fábrica de blocos de concreto. Com a criação dos campos de refugiados por nacionalidades, pela UNRRA, lá ficaram até 1949, período em que freqüentou a escola, o ginásio e a escola técnica. O pai, com o auxílio da UNRRA e da Cruz Vermelha, arrumou trabalho, mas como não queriam voltar à Polônia, onde haviam sido expropriados, optaram pela emigração. Várias possibilidades se apresentavam além do Brasil: Canadá, Austrália, EUA e Argentina. Dizia que os solteiros podiam ir para o Canadá, a família poderia ter ido para os EUA, mas ele tinha 20 anos e teria que fazer o serviço militar e havia a guerra da Coréia. Pretendiam então ir para a Argentina, onde tinham parentes. Subitamente, entretanto, a Argentina fechou a imigração. Como tinham parentes também em São Paulo, vieram para o Brasil. Chegaram na Ilha das Flores onde permaneceram até surgir a oportunidade de trabalho em São Paulo, onde ficaram duas semanas na Hospedaria. O relato da viagem é de que havia muitas outras nacionalidades do Leste

européu, pessoas de quem ficaram amigas depois. A primeira moradia em São Paulo foi na Vila Zelina, onde já se encontravam os poloneses residentes em São Paulo, além de outras nacionalidades do Leste europeu. Imediatamente se filiaram à Sociedade Polonesa Joseph Pilsudski, marechal libertador da Polônia em 1918. O pai conseguiu emprego no Moinho Gambá, na Borges de Figueiredo. Para o entrevistado, que era especializado em mecânica, o primeiro emprego foi na Mecânica Nacional, fábrica de tornos mecânicos do Grupo Matarazzo, passando depois para a Usina de Aços Villares em São Caetano. No segundo emprego, o salário subiu 50% em relação ao primeiro. Da Villares passou para a Vemag, indústria automobilística, e de lá para a Mercedes, sempre se aperfeiçoando na profissão (o que dá uma idéia das várias trajetórias semelhantes de técnicos especializados e com qualificação). Casou-se e foi morar no bairro do Paraíso com os sogros. A relação com a colônia se dá através da Sociedade Polonesa, que fica ao lado da Estação Armênia do Metrô, onde os poloneses se reúnem todos os sábados e domingos, e da Igreja, a Capela Polonesa, Nossa Senhora Auxiliadora, com missa em polonês e localizada no bairro do Bom Retiro. Pratica o escotismo juntamente com amigos poloneses. A língua é falada em casa, ao lado do português – até os netos sabem polonês. Lêem jornais escritos em polonês, o *Ziarna I Zlosy* (Espiga), dirigido por padres e também o *Stepien*, dirigido por salesianos naturalizados brasileiros.

Além disso, a trajetória de um judeu polonês é um pouco diferente: o Sr Abraão (Freitas, 1994-), judeu polonês, cujo pai pertencia a um grupo de resistência na Polônia e conseguiu se refugiar na Itália, teve

a mãe aprisionada num campo de concentração para mulheres, tendo sido resgatada apenas depois da guerra. Uma vez tendo se decidido pelo Brasil porque a mãe foi incentivada por um irmão, além de terem tido auxílio internacional e da Hebrew International Association (HIAS) vieram para São Paulo onde foram acolhidos pela comunidade judaica; primeiro foram morar no bairro de Santana e depois no Bom Retiro. A comunidade promovia eventos para ajudá-los e integrá-los. O pai, que era comerciante antes da guerra, começou como mascate de roupas, logo conseguiu comprar uma casa própria no Bom Retiro. O entrevistado estudou no Colégio Renascença e estudou depois na PUC. Começou a trabalhar no Renascença como auxiliar de limpeza, ainda criança, depois passou a inspetor de alunos. Secretário, Vice-Diretor e Diretor da Escola. Conta que os demais alunos eram judeus poloneses, alemães, russos, lituanos, além de espanhóis e portugueses.

Dessa forma, parece que a colônia identificada com o idioma e a cultura polonesa, de maioria católica, em São Paulo, existia mais ou menos paralelamente e sem contactos diretos com a colônia dos judeus poloneses. Isso parece ser válido, também, para todas as outras das nacionalidades que estudamos, na medida em que, como os poloneses, os demais também apresentam nítidas divisões por diferentes vinculações religiosas.

Há diferenças no nível educacional de cada um dos grupos, também, o que determina o destino profissional, de certa forma. Seria preciso uma análise detalhada, dentro de cada etnia, da qualificação profissional, do nível educacional e dos caminhos percorridos na trajetória profissional em São

Paulo. Não possuímos dados, entretanto, tão minuciosos. Não há como, a não ser pelos depoimentos, dimensionar detalhadamente as diferenças de nível educacional, senão fornecer um perfil geral.

Assim, as Tabelas 2 e 3, sobre as ocupações, pode auxiliar na análise das qualificações. É nítida a diferença entre poloneses e ucranianos, por exemplo, e os húngaros, baltas e russos, no que se refere à concentração nas ocupações classificadas como operários qualificados, técnicos e profissionais de nível médio e superior e os serviços e ocupações não qualificados. Poloneses e ucranianos apresentam uma concentração maior entre os operários qualificados e ocupações menos qualificadas do que entre os profissionais de nível médio e superior. Entre os húngaros, baltas e russos, a maior concentração está entre as ocupações mais qualificadas, como já indicavam os artigos da revista *Imigração e Colonização* (RIC) e os argumentos da Comissão Brasileira encarregada de selecionar os imigrantes deslocados.

Na sua trajetória posterior em São Paulo, os húngaros serão empresários bem-sucedidos, intelectuais e profissionais liberais. Assim se apresentam nos depoimentos, como uma comunidade bem-sucedida em São Paulo.

Quanto aos russos, não se apresentam muitos empresários entre eles, são um grupo com alto nível cultural e educacional no terreno das artes e da cultura européia, música e idiomas. Em artigo sobre os russos no Chile (Norabuena e Uliánova, 1996, pp. 2-3), as autoras afirmam que há um “baixo prestígio das atividades burguesas” entre os russos nobres e ilustrados, o que pode ter influenciado nas escolhas ocupacionais

para a sobrevivência da colônia. Na realidade, assim como para o Chile, os imigrantes russos significaram mais para a sociedade paulista como profissionais e técnicos do que como empresários e comerciantes. Por isso se concentram mais nos centros urbanos. A geração que chega no final dos anos 40, produto da ajuda internacional (IRO), trouxe a maioria dos chamados russos brancos, que se opuseram à repatriação proposta pelos Aliados. São os que menos querem dar depoimentos sobre suas experiências.

A distribuição das nacionalidades pelos bairros de São Paulo, primeiro quanto às empresas empregadoras e depois quanto ao local de residência, auxilia na compreensão das aglutinações. De uma forma ou de outra, as regiões Centro, Oeste, Leste, Sul apresentam as maiores concentrações no que se refere às empresas, e, de certa forma, a zona Norte da cidade. Nesse processo, merece destaque a tendência à industrialização que incorpora regiões suburbanas. Nesse sentido, um dos fatos mais significativos é o grande desenvolvimento industrial de Osasco, “subúrbio-estação” da E.F. Sorocabana; e, na linha Santos-Jundiaí em direção a Santos, verifica-se uma intensificação do parque industrial de São Caetano e Santo André com a implantação de fábricas em trechos de ferrovia ainda não afetados pela industrialização suburbana. Na direção oposta, entre a Lapa e as imediações de Jundiaí, a Ferrovia Santos-Jundiaí praticamente não atraiu novas indústrias, a não ser Jaraguá e Campo Limpo. Essa função industrial deu lugar a um desenvolvimento de suburbanização residencial (Cf. Langenbuch, 1976), o que talvez explique a concentração dos imigrantes que estamos enfocando em torno desses bairros, tanto

no que se refere às empresas como no que se refere aos locais de residência. Em pouco tempo, esse desenvolvimento foi acompanhado pela circulação rodoviária e pelos ônibus urbanos.

Os poloneses se localizaram sobretudo nos bairros das zonas Oeste, Sul, Leste e em menor número também no Centro e na zona Norte, sendo também essa a distribuição dos locais de residência, com exceção do Centro, que aparece em último lugar. Já os ucranianos concentram-se em maior proporção nas Zonas Leste, Oeste, Sul, no caso das residências e, depois, Norte e Centro, o mesmo se dando para a concentração nas empresas. Assim como os ucranianos, os russos apresentam uma alta concentração residencial nas Zonas Leste, depois Norte e Sul, Oeste e Central, sendo que para as empresas em que trabalhavam, a concentração é maior no Centro, na Zona Norte e depois na Sul, Oeste e Leste. Os húngaros trabalham na Zona Norte, Leste, Oeste, Central e Sul e residem na Zona Central, Oeste, Norte, Leste e Sul, enquanto os baltas trabalham na Zona Norte, Central, Sul, Leste e Oeste e residem na Central, Norte, Leste, Sul, e depois Oeste.

Algumas recorrências existem, embora seja difícil afirmar os motivos que levaram os imigrantes de cada uma das etnias estudadas a escolher os locais de moradia. Como vimos, há toda uma conjuntura própria aos bairros industriais, os terrenos e aluguéis mais baratos, um sistema de transporte razoável, tanto ao longo das ferrovias quanto das rodovias e quanto ao transporte urbano, o bonde e depois o ônibus, etc. O que, entretanto, é mais significativo do ponto de vista das escolhas dos bairros é o fato de que anteriormente já havia imigrantes das mesmas etnias nesses bairros.

O caso da Vila Prudente, por exemplo, é bastante significativo: localizada entre a Região Sul e Leste da cidade, foi fundada por imigrantes italianos, os Falchi, que ali fundaram uma fábrica de doces e bombons no final do século. Começaram comprando uma grande área para loteamento para residência de seus empregados que moravam no Brás. O bairro deve seu nome ao Engenheiro Antonio Prudente de Moraes, primo-irmão de Prudente de Moraes, Presidente da República. Muitas casas foram construídas em regime de mutirão e uma olaria foi construída no bairro para suprimento de material. A área possuía 1.200.000 m² e, em 1891, abrigava 400 pessoas (www.vilaprudente.com). A demora da luz elétrica levou o proprietário a transferir a fábrica para o centro de São Paulo. No antigo prédio se estabeleceu uma fábrica de tecelagem, que, mais tarde, se transformou numa fábrica de chapéus, a “Manufatura de Chapéus Oriente”. A eletricidade só chegou ao bairro em 1908 e em 1910, a linha telefônica, que vinha do Cambuci e em 1912, o primeiro bonde chega ao bairro. Na década de 1920, foi construído o Monumento do Ipiranga. A partir da década de 1930, o bairro começou a valorizar-se e empresas chegavam ao bairro, que assim atraía cada vez mais operários.

Na Vila Zelina, a construção da Igreja São José e de escolas lituanas passou a atrair a população lituana. Além deles, os russos se estabeleceram na região, onde mantêm um Centro cultural importante. Na Vila Alpina, igualmente, concentram-se lituanos e russos. A leva que veio em 1906, chamada de “velhos crentes”, se estabeleceu na Vila Alpina, onde ainda funciona uma Igreja e um centro cultural. Depois da Segunda Guerra,

os recém-chegados também se concentraram em parte nesses locais, embora as novas gerações tenham se dispersado. (cf. www.vilaprudente.com e informações obtidas com pessoas especialmente indicadas)

No Bairro da Mooca, podemos encontrar lituanos também, e uma Aliança Cultural Lituano-Brasileira. Há festas folclóricas atualmente, reuniões culturais e a preservação da língua e transmissão aos descendentes. Há um coral lituano junto à Igreja Lituana.

São Paulo: a inversão da dispersão. As identidades e as associações

Ao processo imigratório, que consiste na adaptação a uma nova cultura, uma nova língua, etc., se acrescentam, no caso das nacionalidades analisadas, como vimos, questões políticas muito próximas à experiência européia que os países envolvidos na guerra passaram durante e após o término do conflito. Nesse caso, é preciso dizer que o papel desempenhado pelas comunidades étnicas nesse processo, particularmente as organizações religiosas, as Igrejas, as associações, adquiriram um peso político adicional para essas nacionalidades, que ainda não foi devidamente dimensionado. Ou seja, como no caso da Sociedade Ucrânia Livre, por exemplo,

[...] no seu Estatuto, está inserido um documento intitulado: ‘Linhas ideológicas básicas da Sociedade Ucrânia Livre’, que demonstra, de forma inequívoca,

que os dirigentes e associados não estavam empenhados em reunir a comunidade ucraniana residente no Brasil e, em particular, em São Caetano: seus interesses estavam voltados para o desenrolar dos acontecimentos político-sociais na Ucrânia da época. (Jovanovic, 1992, p. 25)

Ou seja,

[...] os reais interesses do povo ucraniano se resumem no estabelecimento de um país soberano, democrático e republicano (clara alusão à Rússia Imperial e ao governo soviético instalado no começo dos anos 20).

Esse fato tem uma indicação clara de que

[...] a primeira corrente imigratória presente em São Caetano se compunha de dois tipos básicos de pessoas: um grupo de ex-oficiais do Exército ucraniano e um grupo de trabalhadores que abandonaram suas terras em decorrência das precárias condições de vida. (Ibid.)

Essas observações valem também para os russos e para as outras comunidades presentes em São Paulo. Se, por um lado, interessava reconstruir as vidas pessoais e familiares num país de inúmeras possibilidades, que poderia lhes permitir “esquecer, perder-se no mundo”, “não serem mais encontrados”, como disse uma depoente húngara, para uma boa parte das comunidades tratou-se de preparar a volta. Uma das dimensões interessantes, então, presentes nos depoimentos, e inesperadas, do processo vivenciado pelos “deslocados”, é a

persistência da idéia da volta aos seus países de origem, volta que implicava mobilização política, pelo menos para parte significativa deles, mobilização importante e que permaneceu por algum tempo, pelo menos para a primeira geração do pós-guerra, o que significou, ao nosso ver, um elo importante, um vínculo muito forte que sedimentou as identidades (e as diferenças) que se formaram então, e as intermediações das instituições com a sociedade paulista da época e com os seus conterrâneos anteriormente aqui presentes.

As observações feitas acima para os ucranianos valem para uma parte significativa dos russos, mas nem tanto para os húngaros que, depois da tentativa de levante popular em 1956, de cunho nacionalista, sufocado pelo Exército soviético com enorme derrame de sangue, não visualizam um retorno possível.

Além das divisões regionais apontadas acima, as diferenças entre as diferentes levadas se davam em função das origens sociais e familiares. Havia a experiência bastante comum, dos campos de trabalhos forçados. Entretanto, dada a situação vigente na Europa do Leste, misturavam-se pequenos camponeses e agricultores que tiveram suas terras invadidas, com proprietários rurais de grande porte e mesmo industriais, pessoas pertencentes na origem à burguesia russa, por exemplo, intelectuais, professores, profissionais liberais. Essas diferenças determinavam as trajetórias na Europa e, posteriormente, no Brasil. Sendo assim, em São Paulo, as comunidades formaram subgrupos em torno de algumas instituições, associações, Igrejas e pessoas, assim como procuraram se aglutinar nos bairros em que já existiam conterrâneos que, por

coincidência, eram bairros residenciais novos, como procuramos descrever no item sobre o desenvolvimento urbano de São Paulo na década de 1940.

A localização dos russos em São Paulo, conforme depoentes, obedeceu à chegada das diferentes levas e determinou as vinculações posteriores. A primeira leva, dos chamados “velhos crentes”, chegada em 1906 em diante, se localizou na Vila Alpina; os chamados “russos chineses”, aqueles provenientes da leva que estava na China e que foi obrigada a sair depois da Revolução Chinesa depois de 1953, localizou-se na região de Moema, mas também na Vila Alpina, Vila Zelina, Vila Formosa, Vila Bela e Vila Prudente. Da mesma maneira, os lituanos se encontram também na Vila Zelina, Vila Prudente.

Os húngaros se encontram na Vila Zelina, na Vila Prudente, mas se dividem também pela Vila Anastácio, onde há um Convento de irmãs católicas, a Igreja de Santo Estevão, a Lapa e Vila Romana, onde se localiza (Lapa) a Igreja Reformada (de orientação protestante calvinista), a Igreja Luterana (Evangélica), assim como se encontram também na Mooca, Ipiranga, Vila Ipojuca e Zona Oeste, Pinheiros e Jardins, no caso dos empresários mais bem-sucedidos.

A construção da Igreja São José na Vila Zelina atraiu famílias lituanas para o bairro que se transformou num bairro cultural e religioso da comunidade, assim como as regiões próximas, atraindo outras nacionalidades também, como vimos. As associações congregam boa parte dos antigos imigrantes e parte das novas gerações, como é o caso do Círculo Cultural Nadejda, mais recente, de 1982, que surgiu para revitalizar a cultura, a língua e o folclore russo.

Na Vila Alpina, há a Igreja Ortodoxa da Santíssima Trindade, onde o padre Petrenko exerce uma enorme liderança. Ele é bastante representativo de uma parte importante dos russos. Filho de um soldado russo na Ucrânia, foi feito prisioneiro e levado para a Alemanha, juntamente com a mãe, para trabalhos forçados. O pai, em São Paulo, foi trabalhar como torneiro mecânico na Volvo, na Avenida do Estado; logo conseguiram comprar um terreno no Parque São Lucas, num loteamento. Até 1953, moraram num cortiço em Vila Bela, até construírem um barracão no fundo do terreno comprado pelo pai. A escolha inicial de Vila Bela se deu por causa dos avós, que chegaram antes e contataram conhecidos em Vila Bela. O padre Petrenko, hoje, é uma das referências importantes na liderança religiosa ortodoxa entre os russos.

São inúmeras as associações étnicas mencionadas nos depoimentos. Uma breve análise já demonstra as diferenças que mencionamos e as agregações. Entre os húngaros, há uma clara definição por um assistencialismo e filantropia recentes, como a Entidade Filantrópica “Recanto da Vovó”, assim como cultural, como a Casa Húngara, a Universidade Livre, etc., o próprio Colégio Santo Américo, que é uma referência cultural importante dentro da comunidade húngara e onde se organiza atualmente um importante Museu da Imigração Húngara, além de sediar uma das mais importantes bibliotecas sobre história húngara, religiosa e política (Depoimento padre Iroff, Colégio Santo Américo).

Os depoimentos apontam uma agregação entre judeus de diferentes nacionalidades.

Os judeus húngaros, por exemplo, frequentam a Sinagoga da Rua Augusta, a Sinagoga alemã e a Congregação Israelita da City. Já entre os húngaros não-judeus, a identificação se dá segundo as igrejas dos protestantes reformados, dos evangélicos e dos católicos, cuja maioria se aglutina em torno da Igreja de Santo Estêvão.

Além disso, entre os poloneses, como dissemos, há uma nítida divisão entre os católicos, que são a maioria, e os judeus, além, provavelmente, dos intelectuais não religiosos. Assim, as associações que recompoem a identidade polonesa são: a sociedade Polonesa Joseph Pilsudski, a Associação Polonesa da Estação Armênia, a Capela Nossa Senhora Auxiliadora do Bom Retiro, o Círculo Israelita, a TAIB, associação cultural de intelectuais, a Sociedade Brasileira de Cultura Polonesa, o Clube Macabi no Tremembé, o Clube 44 e o Pil, todos mencionados nas entrevistas.

Entre os russos, a Igreja Ortodoxa da Vila Alpina, a Igreja da Rua Gaivota em Moema, a Catedral da Rua Tamandaré entre outras, recompoem o mosaico de identidades em São Paulo.

Da mesma maneira, entre as nacionalidades que compoem os baltas, há a divisão entre os católicos, os batistas, os luteranos e há as associações culturais e assistenciais.

As associações desempenharam importante papel no acolhimento e recepção dos imigrantes na cidade de São Paulo, ao lado dos parentes e conhecidos. Entretanto, há que se considerar o papel das organizações internacionais de apoio e dos escritórios para colocação de mão-de-obra que selecionavam as empresas e direcionavam os imigrantes nos seus primeiros empregos na cidade.

Considerações Finais

Não é possível, nos limites deste trabalho, percorrer todas as nacionalidades e suas trajetórias com detalhes e a sua morfologia interna, tentando recompor as relações que então se estabeleceram entre os grupos, dentro deles, e com a sociedade paulista da época. São possíveis, entretanto, algumas conclusões que nos parecem importantes, dadas as premissas colocadas para os “deslocados de guerra” e contidas na política imigratória expressa nos artigos da revista de *Imigração e Colonização* antes analisados e os objetivos gerais que nortearam este projeto.

Parece que, de uma forma geral, os imigrantes examinados se reconhecem como deslocados ou refugiados e essa autopercepção, de certa forma, determina a sua trajetória em São Paulo, pelo menos nos primeiros tempos. Determina também o associacionismo, que é uma forma de identificação, de resistência e de sobrevivência.

Em todos os casos, verificam-se polarizações em torno de alguns subgrupos significativos dentro das comunidades. A história anterior do pré-guerra, da vivência na guerra e do pós-guerra, é uma referência constante. A composição dos grupos é diferente quanto a diversos fatores. Alguns são mais preparados profissional e intelectualmente que outros, em termos de qualificações.

De uma maneira geral, entretanto, a autopercepção como “deslocados” parece se diluir nas identificações que mencionamos acima, de caráter político e/ou religioso, as identidades se recompondo segundo suas histórias e vinculações anteriores, ou seja, segundo suas nacionalidades, e, dentro delas, segundo os subgrupos que

mencionamos, muitas vezes, ultrapassando as identidades nacionais, como é o caso dos judeus. Do ponto de vista da sociedade paulista da época, seria preciso outra pesquisa, no sentido de verificar quais os mecanismos de reconhecimento que se desenvolveram, como a sociedade paulista vê e recebe os deslocados, etc.

Procurou-se chamar a atenção para a importância da experiência imigratória desse grupo imigrante entrado no pós-segunda guerra mundial em São Paulo para a compreensão de uma faceta da industrialização e urbanização da cidade, chamando a atenção para a direção e implantação territorial dos imigrantes e a constituição de determinados bairros no final da década de 1940.

É importante ressaltar, também, as diferentes fontes possíveis de pesquisa sobre esse grupo imigrante. Em primeiro lugar, o Projeto Temático referido no início deste artigo, desenvolvido com o apoio da Fapesp

junto ao Memorial do Imigrante: “Novos imigrantes: fluxos migratórios e industrialização em São Paulo: 1947-1980”, criou e disponibilizou, a partir de 2008, junto ao Memorial, um Banco de Dados que permite a realização de inúmeras pesquisas sobre as entradas de imigrantes de diferentes nacionalidades no período compreendido entre o final da guerra, a partir de 1947 até 1980, utilizando-se da farta documentação presente no Memorial, como: fichas de registro de imigrantes, curriculum vitae, avisos de chegada, pedidos de mão-de-obra qualificada, e que se encontra à disposição dos pesquisadores. Além disso, são referências o artigo de Paiva (2000), sobre os refugiados; Salles (2007), além dos artigos que podem ser encontrados nos boletins e revistas de imigração e colonização, publicados pela Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo e Departamento de Imigração e Colonização.

Maria do Rosário Rolfsen Salles

Doutora Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista. Docente e pesquisadora junto ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi (São Paulo, Brasil).

mrrsalles@uol.com.br

Nota

(1) Esse retrospecto se baseia em Langenbuch (1976).

Referências

- BOLETIM do Departamento de Imigração e Colonização (1950). Quadro demonstrativo das principais profissões dos imigrantes deslocados de guerra, colocados no estado de São Paulo nos anos de 1947 a 1949, n. 5, dez.
- FREITAS, S. M. de (1994-). Série Depoimentos Orais – Projeto História Oral, Memorial do Imigrante. Arquivo da Biblioteca.
- JOVANOVIC, A. (1992). Ucrrianos, sete décadas de presença marcante. *Revista Raízes*, janeiro.
- LANGENBUCH, J. (1976). *A estruturação da Grande São Paulo*. São Paulo, IBGE.
- NORABUENA, C. e ULIÁNOVA, O. (1996). História oral em los estúdios migratórios: el caso de los rusos em Chile. Universidade de Chile. *Boletim CEDHAL*, n. 4, julho/dezembro de 1996.
- PAIVA, O. da C. (2000). Refugiados de guerra e a imigração para o Brasil nos anos 1940 e 1950. *Revista Travessia*. Ano XIII, n. 37, mai/ago, pp. 25-30.
- SALLES, M. R. R. (2004). Panorama da imigração para São Paulo após a Segunda Guerra Mundial: os deslocados de guerra. *Revista Studi Emigrazione*. Roma, Revista Trimestral do Centro Studi Emigrazione, ANNO XLI, setembro, n. 155.
- _____ (2007). A política imigratória brasileira no pós- segunda guerra mundial e os refugiados: uma leitura da Revista Imigração e Colonização. Brasília, *Revista Cena Internacional*, UNB, n. 2.